

“RESPEITA MEU CAPELO”:**NOTAS PARA PENSAR A QUEBRA DE UMA HEGEMONIA OBSOLETA**

Laia, Cristiane Maria Medeiros; Doutora, Universidade Federal de Juiz de Fora
crismlaia@yahoo.com.br¹

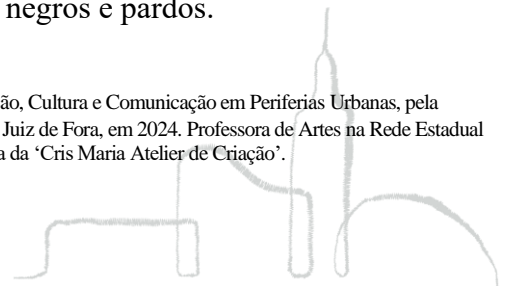
RESUMO

Olhar, mapear, cartografar, despretensiosa, mas esperançosamente, a entrada de heterogeneidades no circuito da moda por meio de intervenções pontuais e micro ações que, de preferência, não se pretendam ou foquem no universal, é o que levanta a pesquisa que realizo, da qual trago um recorte para esse trabalho. Nesse artigo, o projeto “Respeita meu Capelo”, idealizado pela Gut São Paulo, em uma colaboração entre a Vult (marca de beleza do Grupo Boticário) e a marca baiana de moda Dendezeiro, é o que ganha foco, ao trazer para o centro da discussão uma peça que, tradicionalmente usada nas formaturas, não dá mais conta de abarcar a diversidade das gentes e existências que se formam nesses tempos: o capelo.

O chapéu que todo mundo usa na formatura, na verdade, não é usado por todo mundo não, porque ele raramente comporta os cabelos não lisos. As gentes de cabelos cacheados, afros, com dread, tranças ou penteados étnicos, se quiserem usá-lo no dia da colação de grau, precisam alisar seus cabelos. Do contrário, abrem mão dessa peça tão carregada de significado para o momento, ou aceitam pousa-la desajeitada, a partir de algum improvisado, sobre as suas cabeças.

O projeto trata-se da criação de quatro modelos diferentes de capelo e não visa, em nenhum momento, abolir o que já existe, já que a ideia não é restringir, mas ampliar. As propostas são pensadas em conjunto com artistas e designers negros, responsáveis por desenvolver peças que, além de cumprirem o que propõem, construam sentido a partir de referências afrodiáspóricas: pentes garfos são usados em um dos modelos, e outros tem espaço para os turbantes e faixas. O resultado imediato do projeto é a criação de mil peças para as formaturas previstas para o segundo semestre desse ano, tanto na Universidade Federal do Sul da Bahia, quanto na Zumbi dos Palmares, em São Paulo – ambas com um grande percentual de alunos negros e pardos.

¹ Licenciada e Bacharela em Educação Artística, pela Universidade Federal de Juiz de Fora em 2008; Mestre em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 2014. Doutora em Moda e Arte, no PPGACL da Universidade Federal de Juiz de Fora, em 2024. Professora de Artes na Rede Estadual de Ensino de MG. Professora de Costura Criativa na rede municipal de educação de Jiz de Fora MG. Costureira. Criadora da ‘Cris Maria Atelier de Criação’.



A questão que se coloca não é nova, mas ganha força à medida em que as universidades e cursos superiores no Brasil se tornam espaços acessados cada vez mais pelas pessoas não brancas, cujas características (e nisso incluem-se os cabelos) não estão alinhadas com os referenciais eurocentrados de existência que a inauguraram e que ainda seguem definindo, em alguma medida, o que ela abarca e legitima. Não só nessas, mas também em outras instituições, não raras vezes, a falta de espaço para a diferença faz com que ela pareça inadequada, e essa “inadequação” é uma entre as muitas manifestações do que Grada Kilomba nomeia de racismo cotidiano, estrutural e institucional – resultado, entre outras coisas, do epistemicídio em relação aos saberes e referenciais diferentes da Europa, denunciado por Sueli Carneiro.

O impacto visual e simbólico que a ação terá, nas formaturas, parece evidente. Mais que isso, pensar na representatividade, na tomada de espaços de direito que mexem na “divisão colonial de lugares no mundo” (Achille Mbembe) e na espécie de “descarrego colonial” (Luiz Antônio Simas) que tal inserção pode disparar, parece também plausível com a natureza de tal proposição. Vale trazer também para essa reflexão o que já reverbera disso tudo: antes mesmo da estreia dos novos chapéus, a vereadora Marta Rodrigues (PT) de Salvador (BA) apresentou um projeto de lei (80/2024), que assegura que as instituições de ensino da capital baiana façam uso de chapéus de formatura (capelos) que se adequem aos cabelos afro, cacheados, crespos e volumosos nas solenidades da rede municipal de ensino. A expectativa é que a proposta, já em tramitação, se estenda para as esferas estaduais e federais.

Por fim, em termos mais amplos, parece interessante pensar que se a “inadequação” expressa no que se configura visualmente quando as pluralidades rasgam algum tecido social hegemônico, evidencia que corpos não previstos para aqueles lugares estão a ocupa-los no momento. A chegada de propostas que acolham as pluralidades, no entanto, vai um pouco além disso. Porque, além de sanar o certo desconforto e sentimento de não pertencimento, descortina que a inadequação é, na verdade, dos espaços institucionais que ainda se fiam nas ruínas de parâmetros de legitimidade, que os sustentam cada vez menos.

Palavras-chave: respeita meu capelo; racismo; moda afrodispórica.

